

Os Caminhos da Arte com Tarsila do Amaral

*Sandra Lizete de Faria Gonçalves¹
Ana Cristina Magalhães Jardim²*

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo levar o leitor a refletir sobre a importância que o ensino da arte tem na escola, ao garantir o conhecimento, a interação e a fruição, e a compreender o seguinte: “ao fazer da disciplina de arte um conteúdo que possa se colocar como eixo articulador de outros saberes, dentro e fora da escola, busca alavancar a postura cidadã de seu aluno” (IOSCHPE, 2006. p.9). Assim, na busca de realizar esse objetivo, apresentamos o Projeto “Os Caminhos da Arte com Tarsila do Amaral”, na turma Vinícius de Moraes, do 3º ano do Ensino Fundamental, em 2010, da Escola Estadual Rúmia Maluf, Município de João Monlevade, em Minas Gerais, atividade que constitui parte do Estágio Supervisionado do curso de Pedagogia do Centro de Educação Aberta e a Distância (CEAD), da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Vale destacar que foi seguida a Proposta Triangular, de Ana Mae Barbosa: “leitura da imagem, objeto ou campo de sentido da arte (análise, interpretação e julgamento), contextualização e prática artística (o fazer)”.

Palavras-chave: Ensino da Arte; Interação; Proposta Triangular; Tarsila do Amaral.

¹ Licenciada em Pedagogia pelo Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal de Ouro Preto. sandrafaria.gon@gmail.com

² Orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Pedagogia do Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal de Ouro Preto. anajardim10@gmail.com.

Os Caminhos da Arte com Tarsila do Amaral

*Sandra Lizete de Faria Gonçalves
Ana Cristina Magalhães Jardim*

1 Introdução

O presente artigo tem por objetivo levar o leitor a refletir sobre a importância que o ensino da arte tem na escola, partindo do Projeto “A Importância da Arte na Escola”, executado na turma Vinícius de Moraes, do 3º ano do Ensino Fundamental, em 2010, na Escola Estadual Rúmia Maluf, Município de João Monlevade, em Minas Gerais.

A Escola encontra-se em um bairro residencial, de classe socioeconômica média / baixa, mas atende crianças oriundas de várias partes da cidade. É considerada uma escola com ensino de qualidade, no Município e no Estado, que “visa à formação integral do aluno, em suas prerrogativas como ser humano e cidadão”. A instituição possui 24 turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, da rede estadual, e 4 turmas de Educação Infantil, em parceria com a rede municipal, tendo uma média de 27 de alunos por turma.

A turma Vinícius de Moraes, com a qual o trabalho foi desenvolvido, tinha 24 alunos, na faixa etária de 8 a 10 anos. A maioria já havia repetido algum ano anterior, por defasagem na aprendizagem, com dificuldade em raciocínio matemático e linguagem escrita. A retenção teve o aval das famílias diante das necessidades apresentadas.

Há muito se vem discutindo a importância do ensino da arte na escola. Assim, há quem afirme ser a arte, à qual as escolas devem dar o devido valor, uma disciplina recheada de conteúdo específico, que propicia novos conhecimentos. Portanto, “ao fazer da disciplina de arte um conteúdo que possa se colocar como eixo articulador de outros saberes, dentro e fora da escola, busca alavancar a postura cidadã de seu aluno” (IOSCHPE, 2006. p.9).

A princípio, a proposta de trabalhar com arte foi feita pela direção da escola, na qual alguns alunos do curso de Pedagogia, do Centro de Educação Aberta e a Distância (CEAD), da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), faziam par-

te do Estágio Supervisionado. O motivo dessa sugestão foi entender que a arte possibilita intervir em outras áreas do conhecimento com eficácia e significação, permitindo aos alunos, além do conhecimento, a interação com a obra, com o artista, com o meio e com os colegas, razão pela qual o pedido foi prontamente aceito. De fato, a “arte tem uma função tão importante quanto a dos outros conhecimentos no processo de ensino aprendizagem” (PCN, 1997a. p. 19): o ser humano tem a capacidade de criar, recriar, reelaborar, reinventar, analisar, aprender e ensinar. Essa característica, por si só, justifica a importância que a arte tem na vida.

O desenvolvimento integral da pessoa é o principal objetivo da educação. Por isso essa formação justifica a presença da arte na escola, permitindo desenvolver olhares minuciosos, novos conceitos e promovendo sensibilidade, capacidade crítica, convivências e sociabilidade. Trabalhar com a arte permite, pois, improvisar, transformar, entrelaçar os conhecimentos. Trabalhar a arte, em todas as suas manifestações, é transcender a proposta educacional, pois sua riqueza vem essencialmente da capacidade de reunir todas as potencialidades do ser humano. A experiência que a arte pode proporcionar é um conhecimento mais amplo do mundo. O aluno ao perceber, analisar, criticar e produzir arte tem a oportunidade de vivenciar novas experiências, relacionando-as com outras áreas do conhecimento, e de entender a relação com o espaço histórico/geográfico, direcionar olhares mais apurados para mapas e gráficos, notar sensivelmente os sinais de devastação do meio ambiente, interagir com a geometria e o espaço, entre outros benefícios. Além disso, “a arte solicita a visão, a escuta e os demais sentidos (...)” (PCN, 1997b, P. 19).

A própria ciência vem comprovando que a arte desenvolve outras áreas do conhecimento. É o que explica Cattedall (1998):

Neurocientistas, à procura de interações entre a fisiologia do cérebro e o comportamento, publicaram estudos rigorosos em que exploram como a formação artística pode condicionar funções neurológicas com efeitos demonstráveis na aprendizagem escolar (CATTEDALL, 1998).

Por isso, o período de intervenção nessa turma da Escola Estadual Rúmia Maluf resultou em um trabalho de interação da arte com outros conteúdos, tendo um caráter de formação plena com mais qualidade para os pequenos discentes.

Pensando, pois, na valorização do conhecimento estético e artístico, com perspectivas interdisciplinares, na tentativa de levar os alunos à compreensão da importância da arte na construção da história da humanidade e na formação cultural do ser humano, foi proposto o referido Projeto. Este, como espaço de conhecimento e prática, enfocaria o conhecimento de obras da artista plástica brasileira Tarsila do Amaral, desenvolvendo uma prática contextualizada por aspectos históricos, linguísticos e sociais. Dessa forma, seria possível estimular a expressão artística, o potencial criativo, a sensibilidade, a crítica e a percepção de si mesmo, do outro e do meio. A intenção era envolver os alunos pela

arte, valorizando o ensino, ampliando o repertório artístico, possibilitando a formação cultural na construção da cidadania, numa relação de autoconfiança.

Terá a arte a capacidade, como afirma Vygotsky (in FERRARI, 2008), de proporcionar a formação do ser humano como ser em contato com o outro numa relação dialética? Que caminhos devem a escola e o educador seguir para que o ensino da arte se efetive? Que recursos e estratégias devem ser usados para que os alunos interajam com a obra, com o autor e com o mundo em que vivem?

Pretendeu-se com este trabalho afirmar toda a crença de que a arte, mesmo sendo complexa, torna-se simples “quando, no momento de fruição de uma obra de arte, o aluno se deixa arrebatado pelo maravilhamento, algo que ocorre no mundo das sensações, mas é informado e adensado pela cognição” (IOS-CHPE, 2006b, p.10).

2 Referencial teórico

A arte, objeto de cultura desenvolvido pelo ser humano, ainda é, infelizmente, muito elitizada, não fazendo parte da vida da grande maioria das pessoas. Entretanto, por seu caráter formador e transformador, deveria ser constante na atividade de todas. Segundo Pompéia (2005), “se há uma área do conhecimento e da atividade humana que pode ajudar em qualquer transformação, é a arte.” Sendo assim, a escola, por ser um lugar de formação integral, é o ambiente apropriado para fazer com que a arte chegue até essa parcela da sociedade excluída.

Pela nova LDB, Lei nº 9394/96, o ensino da arte tornou-se obrigatório nas escolas: “Art. 26(...) § 2.º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” (redação dada pela Lei n.º 12.287, de 2010). Entretanto é importante ressaltar que a lei, por si, não basta para tornar o ensino da arte efetivo e eficiente, como diz Barbosa (2000):

(...) os poderes públicos, além de reservarem um lugar para a Arte no currículo e se preocuparem em como a Arte é ensinada, precisam propiciar meios para que os professores desenvolvam a capacidade de compreender, conceber e fruir Arte. Sem a experiência do prazer da Arte, por parte de professores e alunos, nenhuma teoria de Arte/Educação será reconstrutora. (BARBOSA, 2000, p.8)

Faz-se necessário, pois, que sejam informados, formados e interessados os professores, para tornar esse conteúdo uma disciplina respeitada por todos da comunidade escolar e possibilitar aos alunos não apenas o conhecimento, mas a prática artística. E, para que essa prática se torne real e eficaz, é preciso repensar as propostas curriculares de acordo com a realidade das escolas. Bar-

bosa (2000, p.9), na Proposta Triangular para o ensino da arte, apresenta três vertentes: “leitura da imagem, objeto ou campo de sentido da arte (análise, interpretação e julgamento), contextualização e prática artística (o fazer)”.

Segundo Leão (2011), “aceitar que o fazer artístico e a fruição estética contribuem para o desenvolvimento de crianças e de jovens é ter a certeza da capacidade que eles têm de ampliar o seu potencial cognitivo e assim conceber e olhar o mundo de modos diferentes.” A arte permite, pois, o desenvolvimento da qualidade interior dos que com ela convivem. Permite mudar o pensamento, as ações, os sentimentos e o conhecimento. As escolas que trabalham com a arte como forma de conhecimento e expressão passam por grandes mudanças. Pompéia (2005b) confirma:

os professores passam a se sentir uma equipe, a interagir entre si; os alunos passam a sentir a escola como sua, a valorizar as oportunidades de aprender, criando laços de confiança com os professores; as famílias e a comunidade se aproximam da escola ao serem envolvidas nos projetos e desenvolvem grande respeito pelo trabalho, dispondo-se a ajudar (POMPÉIA, 2005b).

Leão (2011) está em consonância com Pompéia (2005b), ao afirmar:

Os educadores poderão abrir espaços para manifestações que possibilitam o trabalho com a diferença, o exercício da imaginação, a auto expressão, a descoberta e a invenção, novas experiências perceptivas, experimentação da pluralidade, multiplicidade e diversidade de valores, sentido e intenções. (LEÃO, 2011)

A escola que se abre para a Arte-Educação, criando espaço para as manifestações artísticas, consegue inserir-se no mundo, buscando também a inserção de seus alunos na realidade cultural externa e lhes propicia conhecer e mudar suas próprias realidades.

Sartre (apud AZEVEDO, 2000, p.39.) ressalta que “o ato de imaginação é um ato mágico. É uma encantação destinada a fazer aparecer o objeto no qual se pensa a coisa que se deseja de modo a dela se tomar posse”. A arte é, pois, esse objeto mágico capaz de fazer com que os envolvidos no processo de imaginar e de criar se tornem, pela fruição, parte desse objeto. “Os fazeres artísticos trazem a marca de quem os produz e do contexto cultural em que são produzidos. Cada pessoa formula construções expressivas únicas, que, ao mesmo tempo, refletem as visões coletivas de mundo.” (MARTINS, 2000, p.47)

Um fator que permite colocar a arte em alto patamar na escola, além da fruição e de mudanças de comportamento e conhecimento, é o caráter de socialização, de interação, que ela permite. Interação com outros conteúdos, “como a matemática, a história e as ciências” (BARBOSA, 1991, p.67 apud LEÃO), que está de acordo com os PCN, que afirmam:

O aluno que conhece arte pode estabelecer relações mais amplas quando estuda um determinado período histórico. Um aluno que exercita continuamente sua imaginação estará mais habilitado a cons-

truir um texto, a desenvolver estratégias pessoais para resolver um problema matemático. (PCN, 1997c, p.19)

E o aluno que está em contato com a arte se socializa, interagindo com a própria obra, o artista, os outros e o meio ambiente, em convivências dialéticas.

“Ao longo dos anos podemos verificar que há produções artísticas e que foram construídas nas mais diversas práticas e relações sociais. Essas criações artísticas revelam a história sociocultural da humanidade, além de expressar, refletir e interpretar a realidade a partir do trabalho criativo do Homem, o qual expõe diversas visões do mundo.” (DENARDI, 2011, p.1)

A autora acrescenta: “Por meio da arte o sujeito torna-se consciente de sua existência social, e nesta direção, justifica-se o ensino da arte nas escolas” (DENARDI, 2011, p.1). E define a arte ensinada na escola como arte humanizadora, a que humaniza os sentidos, “pautada nos princípios da educação estética” (DENARDI, 2011, p.2) A arte não pode pertencer a um pequeno grupo elitista, que acredita numa criação oriunda apenas do saber erudito, mas numa ação coletiva em que acontecem variadas práticas e relações sociais. “Paulo Freire consagra na contemporaneidade a ideia de que ninguém aprende sozinho e ninguém ensina nada a ninguém, aprendemos uns com os outros mediados pelo mundo.” (BARBOSA, 2008, p.13)

O trabalho desenvolvido com a arte em cada uma de suas manifestações tem seu valor intrínseco no processo de formação da sensibilidade, da crítica e da percepção. Especialmente nas artes plásticas, foco deste trabalho, pode-se ressaltar a apuração do gosto pela arte, pela leitura e releitura de imagens. Esse contato possibilita a análise, a construção sobre a obra, um olhar crítico e “a análise do próprio fazer e a reflexão sobre as possibilidades artísticas”. (BUGMANN, 2006^a, p.3).

Outros aspectos que reforçam a importância da presença da arte nas escolas, além do fazer e do pensar crítico, é um conhecimento técnico: noção de proporção, de profundidade, dos planos em que se encontram os objetos, importância da luz e da sombra, características da textura, enfim, dos elementos que compõem a obra. Criam-se oportunidades motivadoras para visitas aos museus, formando um público apreciador das artes visuais, incentivando precocemente, criando o “costume de visitar exposições, facilitando a procura ou aceitação dessa atividade até fora do contexto escolar.” (BUGMANN, 2006b, p.3)

Nesse sentido a escola deve buscar um ensino da arte comprometido com o saber histórico, estético e cognitivo, pautado nas inter-relações e numa prática vivenciada pelos alunos, de forma isolada ou coletivamente.

3 Metodologia

“Essa manifestação da linguagem, o dom de recriar para si, de forma inovadora, as imagens que as outras pessoas nos apresentam, é o que fundamenta a arte.” (BRONOWSKI.1998, p.27 apud SANTOS JUNIOR, 2008).

Para desenvolver o Projeto “Caminhos da Arte com Tarsila do Amaral” foram necessários dois momentos distintos, mas, ao mesmo tempo, interligados. No primeiro semestre de 2010, foi realizado um período de observação na turma Vinícius de Moraes, da Escola Municipal Rúmia Maluf, com o objetivo de conhecer os alunos, a professora e a escola. Pôde-se perceber que os alunos interagem muito bem com a professora e uns com os outros. Eles se mostraram receptivos, o que deixou em evidência que a proposta do trabalho teria grande chance de ser bem sucedida.

No segundo semestre, no período de 18 de outubro a 12 de novembro, foi proposto o trabalho com a arte, a fim de buscar subsídios para analisar a importância da arte na escola. Durante esses dias, os alunos tiveram contato com várias obras da pintora por gravuras, sites de imagens, site da artista, álbuns e livros, e desenvolveram vários trabalhos fazendo releituras de algumas obras de Tarsila do Amaral, usando técnicas artísticas diversificadas.

Torrance afirma:

é possível se ensinar a pensar criativamente, utilizando-se vários meios, sendo que os de maior sucesso envolvem a função cognitiva e emocional, possibilitam adequada estrutura e motivação e dão oportunidades para envolvimento, prática e interação entre professores e alunos. Condições motivadoras e facilitadoras fazem a diferença para efetivar a criatividade (...). (TORRANCE apud OLIVEIRA e ALENCAR, 2008, p.297)

Na aula, tendo como recurso didático o projetor multimídia, perguntou-se aos alunos o que era arte. Em seguida, foram apresentadas algumas manifestações artísticas em slides, sempre levando em consideração a participação dos alunos. Ainda interagindo com a turma, foram apresentadas algumas obras de arte, fazendo uma viagem através do tempo, da pré-história até os dias atuais.

Foram várias as metodologias usadas para a realização desse Projeto. O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), em pesquisa sobre a pintora Tarsila do Amaral, no Laboratório de Informática da escola, possibilitou alguns conhecimentos sobre obras da artista brasileira, bem como sua biografia.

De acordo com Sosnowski o professor deve usar “novas estratégias para o trabalho com as TICs tendo a arte como elemento norteador, melhorando assim a qualidade do ensino de arte e áreas afins no contexto escolar.” E ressalta que um trabalho pautado na Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa traz “um novo olhar e um novo conceito de ensinar Arte na Escola.” (2009, p. 8)

Desenvolver a prática, estimulando a expressão artística, o potencial criativo, a sensibilidade, a crítica e a percepção de si mesmo e do outro, juntamente com a possibilidade de ampliar o repertório artístico dos alunos, propiciou a formação cultural na construção da cidadania, numa relação de autoconfiança. Para isso, foram expostos os cartazes “A Cuca”, “Abaporu”, “A Lua”, “Carnaval em Madureira”, “Operários”, “A Negra”, “O Porto” e “Antropofagia” (Anexo 1). Em contato com as imagens, oportunizando a leitura, os alunos puderam fazer uma releitura com várias técnicas: pintura com guache, colagem com gravuras de revista, pintura com água sanitária em papel tingido com anilina e colagem com materiais recicláveis (Anexo 2). Para Bugmann (2006^a, p. 2), “a sensibilização do gosto, a capacidade de leitura de imagem mais criteriosa levando a escolhas mais sensatas são necessidades que a educação em arte pode atender e para muitos somente a escola pode oferecer essa oportunidade”.

A cada obra mostrada aos alunos, apresentamos também o contexto histórico em que ela foi construída. Barbosa (2002) afirma que o compromisso da arte-educação deve ser com a cultura e com a história. É necessário o fazer, a observação da obra de arte e o estudo de sua contextualização, e ressalta que “só um saber consciente e informado torna possível a aprendizagem em Arte”. Barbosa (2009, vídeo) diz que “(...) a contextualização é a porta aberta para a interdisciplinaridade, para a relação com outros meios, outras mídias, enfim, para você se assegurar do conhecimento”.

Por fim, foi feita a exposição, na Escola, dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos, cuja importância está de acordo com o que diz Bugmann (2006b):

[a] exposição dos trabalhos artísticos dos alunos além de proporcionar maior visibilidade da disciplina de artes na escola pode ser utilizada no desenvolvimento de leitura de imagem e no incentivo a um fazer artístico mais empenhado e motivado e, por conseguinte mais efetivo em sua proposição (BUGMANN, 2006b, p.1).

Com essa exposição, foi possível perceber quanto o ensino da arte foi importante na escola, uma vez que se puderam confirmar as expectativas iniciais desse Projeto. Os alunos se sentiram mais motivados, mais seguros, mais interessados pelas artes visuais. Houve um avanço nas características dos trabalhos de alguns alunos que, nas primeiras obras, diziam não saber pintar. A professora regente da turma, Marília, que acompanhou todo o processo, ficou entusiasmada, afirmando que iria dar continuidade ao trabalho.

Assim, o potencial transformador que tem a arte foi confirmado, pois, durante o processo, se pôde acompanhar o desenvolvimento da turma Vinícius de Moraes ao ter esse contato tão fascinante com as obras da Tarsila do Amaral.

4 Apresentação e análise de resultados

4.1. Organização dos dados

Com o término das segunda e terceira fases do Estágio Supervisionado, de posse dos Diários de Bordo, foi possível levantar os resultados e organizar os dados para que fosse feita a análise.

De acordo com Gil (2002), é importante organizar os dados para que o pesquisador possa decidir sobre as apresentações na análise e tirar conclusões a partir deles. Sendo assim, foram organizados da maneira apresentada a seguir.

4.1.1. Questões relevantes para a análise dos dados

- As crianças pertencem a uma classe socioeconômica média / baixa.
- A Escola é considerada, no Município e no Estado, uma instituição com ensino de qualidade.
- Há uma sala de informática na escola.
- Na biblioteca não existe livro que fale de arte ou história da arte.
- Os professores não têm formação específica em arte.

4.1.2. Questões explicitadas no Diário de Bordo e no Referencial Teórico

- A arte possibilita intervir em outras áreas do conhecimento;
- O ser humano tem por instinto criar, recriar, reelaborar, reinventar, analisar.
- A arte permite desenvolver olhares minuciosos, novos conceitos, promove a sensibilidade, a criticidade, possibilita convivências, sociabilidade.

4.1.3. Indagações feitas na introdução deste trabalho:

- A arte tem a capacidade de proporcionar a formação do homem como ser em contato com o outro numa relação dialética?
- Que caminhos a escola e o educador devem seguir para que o ensino da arte se efetive?

- Que recursos o professor deve usar para que o aluno interaja com a obra, com o autor e com o mundo em que vive?

4.2. Análise dos dados

Das questões destacadas como dados, a fim de analisar a importância da arte na escola, percebe-se que algumas poderiam ser prejudiciais para eficácia do ensino da arte. Por serem as crianças pertencentes a uma classe socioeconômica desfavorecida, pressupôs-se que elas tinham pouco acesso a livros, teatros, cinemas, museus e obras de arte de modo geral. As famílias, na maioria das vezes, não valorizavam a arte, colocando-a no último patamar da aquisição cognitiva e/ou como fruição. Por não existir na biblioteca da escola obra que tratasse de arte ou qualquer outro material que possibilitasse o conhecimento nessa área e por não haver no corpo docente um professor especialista em arte, tornava-se ainda mais difícil o trabalho para os educadores. O material impresso sobre arte fugia do orçamento e do interesse do professor, principalmente o que não atuava na área. Além disso, a arte, nesse caso, era muitas vezes trabalhada de forma descontextualizada, em datas comemorativas ou apenas como momento de “descanso”.

Nem os alunos nem a escola tinham material adequado para as reproduções a serem feitas pelas crianças. Por causa disso, o trabalho foi desenvolvido com material alternativo, como papel A4, tinta guache velha guardada na escola e poucos pincéis, água sanitária e anilina (doadas), revistas velhas e materiais recicláveis. Entretanto pôde-se perceber que, mesmo com a precariedade de material, o trabalho foi desenvolvido com sucesso, o que invalidava a afirmativa de que não era possível trabalhar arte na escola, por falta de material. Também não se pôde considerar o baixo nível socioeconômico, pois os alunos compreenderam muito bem a proposta de trabalho e o conteúdo explicitado.

O fato de a escola ter um laboratório de informática era um ponto muito favorável, pois, não havendo livros ou outros materiais impressos, havia a mídia, havia sites de vários artistas e visita a museus. Sendo a instituição uma escola de qualidade, tornava-se relevante repensar o ensino da arte com maior evidência.

Das questões expostas no referencial teórico e no Diário de Bordo III, observou-se que a arte possibilitava intervir em outras áreas do conhecimento, como afirmam vários teóricos, tendo sido possível trabalhar com produção de texto em Português (história e relatório), com figuras geométricas em Matemática (com a obra “O Porto”), com a contextualização histórica, com a localização geográfica das obras da artista. Se houvesse mais tempo, o trabalho poderia ser ainda muito mais amplo.

Apesar da insegurança apresentada pelos alunos ao realizar as primeiras releituras (“Não sei desenhar nem pintar, professora!”), foi muito produtivo todo o trabalho. No início, quando foram trabalhadas as primeiras noções de arte, era possível perceber a ansiedade nos rostinhos e nas falas dos alunos, mas, du-

rante as tarefas, ouviam-se comentários, como: “Nossa, que bacana! Tá ficando igual o da Tarsila!”; “Olha o meu, tia Marília!” (professora regente); “Preciso de mais carinhas” (retiradas de revista para o trabalho com a obra “Operários”).

É possível dizer que muitas foram as experiências trocadas, as convivências em grupo, numa relação dialética com os colegas e com as telas. Houve momentos de observar minuciosamente as obras, tanto as da artista Tarsila do Amaral como as que eles produziram, aguçando o olhar crítico, possibilitando desenvolver a sensibilidade e a sociabilidade. Permitindo também, além da análise, atuações no sentido de recriar, reelaborar e reinventar. Mas um momento que se pode usar para ilustrar essa confirmação foi o da exposição, quando todos puderam apreciar, analisar, criticar, julgar.

Lembrando as indagações feitas na introdução deste trabalho, é relevante afirmar que, durante a intervenção, foi possível perceber a formação dos alunos numa relação dialética:

A didática dialética permite ler, criar e recriar na medida em que cada leitura suscita uma tese que, posta em discussão, cria uma antítese e que, por sua vez é sintetizada criando então uma nova tese. Este movimento possibilita o aprofundamento, compreensão, apreensão e acúmulo ou ruptura com o saber anterior. Daí que, a ruptura ou acúmulo, caracterizam um novo saber. (FAGUNDES e MATTOS, 2002, http://www.sbpcnet.org.br/livro/58ra/SENIOR/RESUMOS/resumo_2677.html)

Houve, no percorrer do processo, muita troca de experiências, de ideias, de ajuda e até mesmo troca de material entre os grupos. Mas, para que o trabalho com a arte seja eficaz, devem a escola e o educador procurar a formação constante sobre a História da Arte, engajar seus alunos no olhar crítico e estético e no fazer e/ou refazer as obras em suas releituras. Devem procurar também, ao longo do tempo, adquirir, além do conhecimento, materiais que os alunos possam manipular, ver de perto, pegar, sentir...

O professor, além da formação continuada, deve buscar conhecer os processos de aprendizagem do aluno, fazer uma boa seleção de conteúdos, especificar bem suas metodologias, selecionar métodos de avaliação formativa, emancipatória e processual, fazer uso de materiais diversificados. Enfim, ter um planejamento calcado num ensino eficaz, mas prazeroso para seus alunos.

Siqueira (2007) confirma:

é importante pensarmos acerca das reflexões que o professor, enquanto mediador e propositor no processo de ensino/aprendizagem da arte desenvolve com seus alunos. Aprender e ensinar a técnica pela técnica nas aulas de artes, sem que para isso haja uma contextualização histórica, social, antropológica ou simplesmente, que faça sentido aos estudantes, tem pouca razão de ser. Inclusive para o próprio professor, que acaba desenvolvendo uma proposta meramente burocrática favorecendo com isso, a representação ou a imagem da arte como passatempo (SIQUEIRA, 2007, p.4).

Em síntese: pode-se afirmar ter sido a intervenção feita na Escola Estadual Rúmia Maluf um processo, além de prazeroso, eficiente para a aprendizagem dos alunos.

5 Considerações finais

O presente estudo oportunizou caracterizar a importância que a arte tem na escola. Assim, mostrou que as diferentes formas de trabalhar a arte podem influenciar na aprendizagem, baseando-se nos objetivos, no referencial teórico e na coleta e análise dos dados.

A arte, vista segundo seu poder de expressão, permitiu criar e recriar sem medos. Durante todo o processo da intervenção, foi possível ver os alunos em constante construção do conhecimento, confirmando os estudos utilizados como referências desta pesquisa. As falas dos pequenos discentes corroboraram a relevância das mediações que foram feitas pelo educador, buscando oferecer confiança e autonomia.

É fundamental reafirmar que as transformações aconteceram no conjunto das relações sociais. A partir do momento em que foi possível perceber o outro é que foi permitido perceber as diferenças e aceitá-las. A arte, com seu potencial interacionista, permitiu essas transformações.

Não se pode dar como terminado este trabalho. Ele pode servir como foco de estudo mais amplo, contemplando as políticas públicas no ensino da arte na escola. E levar a pesquisar o que as Secretarias de Educação dos municípios e/ou as Superintendências Regionais de Ensino têm realizado, não só para cumprir a Lei nº 9394/96, mas para provar a eficácia do ensino da arte, amparado com profissionais formados e com recursos didáticos. Ou um estudo da forma como os gestores das escolas propõem e/ou valorizam o ensino da arte.

Enfim, este trabalho evidenciou a importância e o transcendentalismo que a arte propõe para a aquisição de novos conhecimentos, novos olhares e novos fazeres.

Referências

AZEVEDO, Antônio Fernando Gonçalves de (2000). Arte na perspectiva da inclusão. V Congresso Nacional de Arte-Educação na Escola para Todos, Anais .

BARBOSA, Ana Mae, (2002). *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo, Cortez.

_____. Seminário Ana Mae Barbosa, 21/11/2009. Vídeo disponível em <http://anasaleh.arteblog.com.br/233185/Seminario-Ana-Mae-Barbosa-Proposta-triangular/> . Acesso em 19 de março de 2011

_____, (2002). *A imagem no Ensino da Arte*. São Paulo: Perspectiva.

_____, (2000). *Arte na Educação para todos*. V Congresso Nacional de Arte-Educação na Escola para Todos, VI Festival Nacional de Arte sem Barreiras.

BARBOSA, Ana Mae e COLTINHO, Rejane Galvão (2008). *Arte/Educação como mediação cultural e social*. Rio de Janeiro, Ed.Unep, 343 p.

BRASIL, (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais*, p.19.

BUGMANN, Sandra Regina Cláudio, (abril, 2006). *O espaço da arte na escola: a exposição dos trabalhos artísticos dos alunos*. UNIrevista-Vol.1, n.º 2: Disponível em http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Bugmann.pdf. Acesso em 15 de março de 2011

CATTERALL, James S, (Jul/1998). *ART Education*. Vol.51, n.º4. Disponível em <http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69342&>. Acesso em 15 de março de 2011

DENARDI, Christiane. *O ensino da Arte nas escolas e sua função na sociedade contemporânea*. Disponível em <http://www.opet.com.br/artigos/artigos.asp>. Acesso em: 11 de maio de 2011.

FAGUNDES, Tatiana Bezerra e MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães. *A Dialética Na Didática: A Aula do Professor Paulo Freire (org.)*. Anais da 58.^a Reunião Anual da SBPC - Florianópolis, SC - Julho/2006. Disponível em www.sbpnet.org.br/livro . Acesso em 16 de março de 2011

FERRARI, Márcio. *Lev Vygotsky, o teórico do ensino como processo social*. 2008. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/lev-vygotsky-teorico-423354.shtml> . Acesso em 15 de março de 2011

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IOSCHPE, Evelyn Berg. Arte, Escola e Cidadania: o prêmio e seus premiados. São Paulo: Instituto Arte na Escola: Cultura Acadêmica, 2006.

LEÃO, Raimundo Matos de. A Arte no Espaço Educativo. Disponível em http://caracol.imaginario.com/paragrafo_aberto/rml_arteduca.html. Acesso em: 23 de abril de 2011.

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei n.o/96. Disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/anotada/2701820/art-26-da-lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96> Acesso em 15 de março de 2011.

MARTINS. Alice Fátima, (2000). A Arte no contexto escolar: um espaço de exercício de cidadania e, nela, de alteridade. V Congresso Nacional de Arte-Educação na Escola para Todos, Anais.

OLIVEIRA, Zélia Maria Freire de e ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano de. A CRIATIVIDADE FAZ A DIFERENÇA NA ESCOLA: o professor e o ambiente criativos. Contrapontos - volume 8 - n.2 - p. 295-306 - Itajaí, mai/ago 2008. Disponível em <https://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/954/810> . Acesso em 15 de março de 2011

POMPEIA, Silvia Maria. A arte-educação e a reinvenção da escola. Boletim Arte na Escola nº37 - março/abril - 2005. Disponível em <http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69348&#>. Acesso em 18 de março de 2011

SANTOS JÚNIOR, Raimundo da Silva. A importância das Artes no Ensino Fundamenta.2008. Disponível em http://cantinhodamirianguimaraes.blogspot.com/2010_12_01_archive.html . Acesso em 15 de março de 2011

SIQUEIRA, Juliano Reis. Formação continuada em artes visuais: uma proposição possível. 2007. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GE01-4580--Int.pdf>. Acesso em 12 de março de 2011

SOSNOWSKI, Katyúscia . ARTE-EDUCAÇÃO, TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E A FORMAÇÃO CONTINUADA: UM DIÁLOGO EMERGENTE, 2009. Disponível em http://ciclo2009.files.wordpress.com/2009/11/katycb99scia-sosnowski_arte-educaae2809eo-tecnologias-contempore2809aneas-e-a-formaae2809eo-continuada-um-dic2b7logo-emergente.pdf . Acesso em 20 de março de 2011

ANEXO 1

Quadros de Tarsila do Amaral

Foto 1



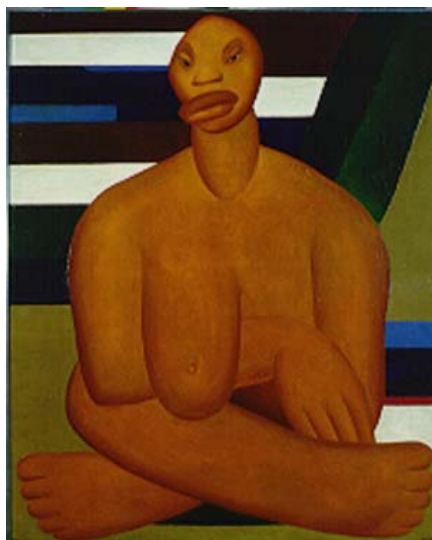
Antropofagia

Foto 2



Abaporu

Foto 3



A Negra

Foto 4



O Porto

Disponíveis em: <http://www.tarsiladoamaral.com.br/biografia.htm>. Acesso em 15 de março de 2011

Foto 5



Operários

Foto 6



A Lua

Foto 7



Carnaval em Madureira

Disponíveis em: <http://www.tarsiladoamaral.com.br/biografia.htm>. Acesso em 15 de março de 2011

ANEXO 2

Algumas releituras dos alunos

Foto 8



Releitura de A Cuca

Foto 9



Releitura de "A Lua"

Foto 10



Releitura de Abaporu

Foto 11



Releitura de O Porto

Foto 12



Releitura de Operários